

Uma rosa é uma rosa na poesia de Mário Alex Rosa

Mário Alex Rosa

Poemas pitorescos.

Galileu, 2020.

Wagner
Moreira



rtista visual e poeta, professor e pesquisador, Mário Alex Rosa transita por diferentes universos com uma desenvoltura única. Sua expressão artística é atravessada tanto pela palavra como pela imagem que, em seu fazer inventivo, transformam-se em uma coisa só. Atualmente, responde por quatro livros: *Ouro Preto* (poemas, Scriptum, 2012), *Via Férrea* (poemas, Cosac & Naify, 2013), *Formigas* (infantil, Cosac & Naify, 2013) e *ABC Futebol Club* (infantil, Aletria, 2015). Os dois primeiros traduzem

a experiência da dor e do desamparo, com o vigor dos versos que só a vida sopra. Nos dois últimos, natureza e esporte configuram um território lúdico, entendido como libertação e ato crítico, no qual o olhar livre da infância abre múltiplas possibilidades para a recepção dos textos. Para além do caráter de objeto estético, em ambos, o diálogo entre a poesia e as artes plásticas é pleno.

Antes de comentar o seu novo livro de poemas, é fundamental mencionar uma de suas exposições: *A régua da memória ou a regra da memória* (CEFET-MG, 2011). Como o nome antecipa, a memória é um elemento de inflexão que se manifesta com intensidade nos poemas-objetos. Os materiais que corporificam seus trabalhos estão todos relacionados ao universo escolar: lápis, apontador, régua, compasso, estojo, borracha, cola, madeira, ferro/aço, pano, mapa-múndi. A poética do artista religa os objetos à nossa memória afetiva. E a imagem se forma no olhar do artista e do público.

Poemas pitorescos, sua mais nova entrega, é um livro delicado, generoso, preciso. O diálogo com a tradição retorna com força, confirmando que o artista sabe transitar com desenvoltura entre o passado e o presente. Porém, traz consigo uma novidade: a presença acentuada do humor, cujo traço mais visível e (maliciosamente) oculto se insinua em alguns jogos de palavras e versos.

A poesia marca presença na própria capa. A primeira e a quarta capas estampam dois poemas que pautam o tom do miolo: a visualidade se dá a ver por meio da condensação poética. O primeiro, “Onoma-

topeia”, acentua o caráter sempre plástico da obra de Mário Alex Rosa. Embora o título remeta o leitor para o universo sonoro – figura de linguagem que explora um alto grau de referencialidade entre o som e o sujeito ou ação que pretende se vincular – o próprio poema (será que o título não faz parte do corpo do poema?) se apresenta como um objeto visual fazendo uso da imagem de uma orelha, crivada de termos científicos que designam suas partes. Os “versos” espacializados em torno da imagem gráfica cumprem uma função primordial da poesia: nomear. Lembrem ainda outra característica que a poesia muitas vezes solicita de seu interlocutor: uma audição singular, dedicada a cada mínimo gesto sonoro, visual e/ ou verbal.

Também fica evidente o procedimento da colagem. A imagem da orelha muito possivelmente tenha sua origem em um manual ou impresso sobre a anatomia humana. Não importa se o poeta se apropriou dela a partir do meio analógico ou do digital, o que realmente está em jogo é a compreensão de que a imagem direcionada ao discurso científico foi inteligentemente deslocada para um fim poético. Assim, pode-se falar em outro traço recorrente do poeta: a apropriação dos objetos físicos ou digitais, determinando-lhes uma política do uso artístico. Mário Alex Rosa é um *bricoleur*. Ele readequa materiais pitorescos num plano que lhes escapa em sua caminhada ordinária. Estes reaparecem com a marca de fábrica do criador.

O poema da quarta capa é um caligrama. A reunião das palavras escritas e

inscritas adquire a forma de um desenho: a letra P. A nomeação das formas poéticas que estruturam graficamente a letra P – redondilha, lírica, haiku, onomatopeia, soneto, poema, ritmo, Kama Sutra, poeta, métrica, visual, rima, verso livre, metalíngua (metal, linguagem), estrofe, gênero, prosa (rosa) – reproduz todos os títulos dos poemas que compõem o livro: um poema indicial. Chamo a atenção para a abrangência da tradição evocada pelo poeta que vai do mundo clássico ao extremo oriente, da Idade Média trovadoresca aos modernos, dentre eles, *Calligrammes* (1918), de Guillaume Apollinaire.

Mário Alex Rosa também amplia o seu espectro poético colocando à disposição do leitor a palavra-valise. Chamo a atenção para duas: a primeira é “metalíngua”. Todavia, deve-se atentar para as possibilidades de se ler “linguagem” que, evidentemente, corre pelos poemas em sua forma verbal e visual; e também a palavra “metal”: aqui, Rosa faz aparecer o ferro que tanto aprecia em diálogo constante com poesia de Carlos Drummond e no próprio ato cirúrgico com que trata cada palavra, letra e pontuação de sua obra. Esse forjar poético está presente para além deste livro, mais precisamente, em suas outras publicações e nos objetos poéticos tridimensionais. É raro ver na composição poética de um autor/artista uma coerência criativa e plástica com tamanha intensidade.

A outra palavra-valise é “Kama Sutra”. Espécie de tratado sobre o amor com a sua origem na literatura sânscrita. Eis uma das linhas de força que atravessam

a obra de Mário Alex Rosa. O poeta nos apresenta um Kama Sutra de formas poéticas. Entretanto, esse erotismo da linguagem se faz perceber de maneira sutil, no ato criativo que impulsiona o desejo até florescer. Um bom exemplo é o poema de abertura, “Lírica”: “Um amor/ Que/ Pica”. O poeta trabalha em vários registros: o dito, o não-dito, o mito clássico do Cupido e o ditado popular (“amor de pica fica”). Nos seus melhores momentos, a experiência poética de Mário Alex Rosa nos traz de volta a militância lírica, lúdica, erótica de José Paulo Paes.

Essa mesma sutileza talvez seja o motivo de as últimas palavras-nomes deste poema serem prosa – rosa. O caráter discursivo, sob a tensão poética, tem em si uma das metáforas mais recorrentes de todos os tempos – a rosa: flor que traz para esse discurso a fragilidade do existir, a beleza singular, a efemeridade de tudo que pode ser dito, o halo perfumado que é o próprio poético em ação. Rosa que é homônima do nome do poeta Rosa: condensação máxima, visceral, corpo que se enlaça com corpo a desdobrar o único em multiplicidades poéticas.

É importante lembrar que Rosa aprecia de perto o trabalho do tipógrafo e poeta Cleber Teixeira – leia-se Editora Noa Noa –, assim como o do poeta Augusto de Campos. Ambos realizaram a publicação de uma coletânea bilíngue da poeta norte-americana Gertrude Stein, com o título *Porta-Retratos* (Noa Noa, 1989). A composição da capa, que lembra uma rosa aberta, já é um dos poemas de Stein: *rose is a rose is a rose...* Uma rosa

é uma rosa na poesia de Mário Alex Rosa. A rosa da memória (outra linha de força dessa poética) faz uma homenagem a três poetas em uma condição dialógica única, enaltecendo tanto o trabalho poético quanto o editorial.

Em uma edição despojada, a Galileu Edições nos brinda com uma pérola da literatura contemporânea. A simplicidade intencional tanto do poeta quanto do editor guarda a força que a edição apresenta neste momento: afirma a diversidade por meio de um ato de circulação que se funda nos iniciados das letras e artes e se expande para os leitores em geral. O cuidado com a impressão é notável, assim como a distribuição das peças por correio. Aqui se pode perceber o prestígio que o poético ainda desfruta nos tempos atuais. *Poemas pitorescos*, de Mário Alex Rosa, mais do que um objeto para colecionadores, está ao alcance de todos.

WAGNER MOREIRA é professor do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (Cefet-MG). Como poeta publicou: *Transversos* (2003), *Solos* (2015) e *Rumor de Pétalas* (2017), todos editados pela Scriptum.